

Comunicações

Aspectos da iconografia musical na revista *O Malho*: as edições de 1902-1903, sob a direção de Crispim do Amaral (1858-1911)

Raúl Gustavo Brasil Falcón
Prof. Dr. Márcio Páscoa

PPGLA- UEA
RIIdIM-Brasil/AM

A revista *O Malho*, fundada em 1902 por Luís Bartolomeu e Souza e Silva, foi uma das revistas mais famosas de crítica satírica da sociedade e costumes do povo brasileiro. Publicada semanalmente, na cidade do Rio de Janeiro, a revista consistia em explanar os hábitos da sociedade brasileira, focada principalmente na situação política do país, e sobre a cultura, exploradas através das charges e caricaturas de Raul Pederneiras (1874-1953), Calixto Cordeiro (1877-1957) e Crispim do Amaral (1858-1911). Crispim do Amaral atuava como diretor artístico do semanário, desde a fundação até a edição de 1903, na revista número 17 que “a motivos de ordem particular, deixou a direção artística d’*O Malho* o festejado caricaturista Crispim do Amaral” (*O MALHO*, 1903). A revista *O Malho*, foi a primeira publicação brasileira a substituir a pedra litográfica por placa de zinco dando um novo impulso à arte da charge e da ilustração da imprensa brasileira. A revista possui uma variedade de informações a respeito dos costumes artísticos musicais da época, com desenhos que ilustram (jocosamente) músicos, e temas relacionados à música, fotografias, anúncios publicitários com temas musicais, além de possuir diversos registros de partituras instrumentais e vocais escritas por compositores da época. O presente estudo consiste em reunir e analisar as informações referentes à iconografia musical nas edições de *O Malho* (1902-1903) a partir de estudos de história da arte e do âmbito da iconografia musical.

¹ Acadêmico do curso de Música da Universidade do Estado do Amazonas e integrante do Laboratório de Musicologia e História Cultural – UEA.

² Professor Doutor da Universidade do Estado do Amazonas e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – UEA. Coordenador do Laboratório de Musicologia e História Cultural – UEA.

A presença da música no periódico *O Malho* (1902-1903)

A revista *O Malho*, fundada no ano de 1902, com inauguração a 20 de setembro, na cidade do Rio de Janeiro, por Luís Bartolomeu de Souza e Silva (1866-1932) e Crispim do Amaral (1858-1911), integra acervos importantes como da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o conjunto de periódicos da Fundação Casa Rui Barbosa (RJ), adquiridos no ano de 1988 pelo bibliófilo Plínio Doyle.

Crispim do Amaral, nasceu em Olinda, em 1858. Teve seus ensinamentos de pintura e cenografia ainda criança com o pintor e cenógrafo Léon Chapelin, trabalhando na Companhia do Sr. Noury (SILVEIRA, 2010, pág. 238). Chegou ao Norte do Brasil com 18 anos de idade, junto com a companhia teatral de Vicente Pontes de Oliveira, residindo por seis anos em Belém para trabalhar em teatros da cidade, onde prestava serviços de iluminação, decoração e cenografia. Logo que ingressou na companhia, conheceu os cenógrafos italianos Leon Righini, Luís Libutti e Luís Pignatelli (IDEM). Com Vicente Pontes de Oliveira trabalhou em diversos teatros desde Pernambuco ao Amazonas.

Em Belém, trabalhou como cenógrafo do Theatro da Paz, tendo ganhado uma bolsa do governo paraense para estudar pintura na Academia Real de San Lucca (1888). Na Europa também esteve em Paris, trabalhando no teatro da Comédie Française e como cartunista do jornal *Le Rire* em 1888. (Leite, 1983, p. 25). No jornal *Le Rire* publicou a charge *Dum-Dum!* retratando jocosamente a rainha inglesa Vitória recebendo palmadas, como caricatura da má posição da Grã-Bretanha na guerra Anglo-Bôer. A grande repercussão desta charge lhe causou um processo que resultou em uma pena de três anos de prisão, adiantando o seu retorno ao Brasil em caráter emergencial. De volta ao seu país, se envolveu com as obras do Teatro Amazonas, em Manaus, na condição de encarregado dos trabalhos de decoração. Atribuiu-se a ele algumas das ideias da fachada do Teatro Amazonas, e quase todas as benfeitorias artísticas planejadas para o interior do teatro. Crispim do Amaral foi responsável pela contratação dos artistas italianos Giovanni Capranesi e Domenico De Angelis, que elaboraram os conjuntos artísticos do Salão Nobre e da Sala de Espetáculos do Teatro Amazonas.

Crispim do Amaral mostrava-se também muito habilidoso como ator e músico. Como flautista participava constantemente de concertos e apresentações beneficentes promovidos por diversos grupos intelectuais atuantes em Belém e Manaus.

No início do século XX mudou-se para o Rio de Janeiro, para trabalhar como caricaturista, sobressaindo-se no jornal *O Malho* (1902). Ainda na capital da república, dedicou-se novamente à cenografia e à pintura decorativa, executando os cenários da ópera *Moema* de Delgado de Carvalho (1872-1921), estreada no Teatro Lírico do Rio de Janeiro em 1894, sendo repetida na inauguração do Teatro Municipal em 1909 (HEITOR, 1956, pp. 103-104), além de operetas e revistas montadas no Cinematógrafo Rio Branco (LEITE, 1983, p. 25). Veio a falecer na Assistência Pública do Rio de Janeiro, em 17 de dezembro de 1911, em decorrência de um ataque de uremia quando descia do bonde.

Na revista *O Malho*, Amaral acumulou a função de diretor artístico, colaborando com diversas charges. A revista contava com um corpo de ilustradores e caricaturistas, como Raul Pederneiras (1874 - 1953), Calixto Cordeiro (1877 - 1957) e Ângelo Agostini (1843-1910), além de artigos escritos por Olavo Bilac (1865-1918), Arthur Azevedo (1855-1908), Álvaro Moreyra (1888-1964) dentre outros.

Para esta pesquisa, foram colhidas imagens relativas aos dezesseis primeiros números, publicados entre 1902 e 1903. Primeiramente é necessário dizer algo mais sobre os ilustradores e caricaturistas que trabalharam nesse período.

Calixto Cordeiro, nascido no Rio de Janeiro em 1897, foi caricaturista, desenhista, ilustrador, litógrafo, pintor e professor. Seus estudos iniciaram na Casa da Moeda, na capital carioca. Em 1893 assumiu o cargo de professor assistente de gravura nessa mesma instituição. Estudou desenho na Escola Nacional de Belas Artes e trabalhou como litógrafo na Imprensa Nacional. Começou a atuar como caricaturista em 1898, na revista *Mercúrio*, com o pseudônimo de K. Lixto, utilizado a partir de então na assinatura de todos os seus trabalhos. Fundou, com a ajuda de Raul Pederneiras (1874 - 1953), em 1902, a revista *O Tagarela*, como quem assumiu em 1907 a direção artística da revista *Fon-Fon*. Em 1911, publicou uma série de charges de conteúdo político no jornal carioca *Gazeta de Notícias*. A partir de 1917 foi colaborador na revista *D. Quixote*, na qual permaneceu até 1928. Dessa data em diante, colaborou com diversos periódicos, dentre os quais a revista *O Cruzeiro* e o jornal *Última Hora*. Juntou-se à iniciativa de outros artistas para fundar a Associação Brasileira de Desenho.

Raul Pederneiras, também natural do Rio de Janeiro, nasceu em 1874, tendo desenvolvido carreira como caricaturista, chargista, professor, pintor, escritor e dramaturgo. Sua carreira como caricaturista teve destaque no jornal em cores *O Mercúrio*. Nesse mesmo jornal publicou os textos *Com Licença* (1899) e *Versos Líricos* (1900). Desde então, colaborou com ilustrações e textos, em diversos periódicos de várias partes do país, como a *Revista da Semana*, *O Tagarela*, *D.*

Quixote, *O Malho* e *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), assim como *Correio Paulistano* (São Paulo) e *Eco do Sul*, (Rio Grande do Sul). Em suas caricaturas e charges, Pederneiras explorava temática crítica sobre a alta sociedade carioca e as classes excluídas. Sua obra *Cenas da Vida Carioca*, constitui-se em produção diversificada e volumosa do que há de mais importante em sua autoria. A única crítica que costumava receber referiam-se às poucas mudanças de seu estilo. Com aproximadamente 50 anos de atividade, não houve grande alteração em seu traço, mantendo-se indiferente com as transformações ocorridas na sociedade carioca. Ao lado de Calixto Cordeiro participou ativamente em diversas exposições de desenhos, como a Exposição Geral de Belas-Artes (RJ) nos anos de 1909, 1911 e 1916 e também nos Salão dos Humoristas, em 1916. Ambos assumem a direção da Revista *O Malho* em 1903, no lançamento do periódico de número 17.

Na edição de inauguração de *O Malho*, o semanário apresentava-se da seguinte maneira:

É de praxe que um jornal que se apresenta desfile perante o leitor boquiaberto um rosário de promessas a que se chama pomposamente – o programma. Iconoclasta de nascença, o Malho começa por atacar e destruir a praxe: não tem programma. Ou, mais exactamente, tem todos, como o seu nome bem o indica: elle é o Malho; tudo que passar a seu alcance será a bigorna. (...) Em matéria de abnegação, porém, não ha ninguém que nos exceda e, já que nos mettemos nisso, iremos até o fim: faremos esta salutar reforma de costumes e numa quadra em que todos choram pitangas, estalaremos o riso são, o riso honesto, o riso próprio do homem... (O MALHO, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1902).

Com o intuito de abordar diversos temas ligados à vida da sociedade carioca, tinha na folha de rosto um homem portando uma bigorna e um malho sob o lema “que passar a sua frente será a bigorna” (IDEM). Já no primeiro número abordava assuntos polêmicos relacionados com a situação política do país de uma forma crítica e cômica.

O Malho foi a primeira publicação brasileira a ser impressa substituindo a pedra litográfica por placa de zinco dando um novo impulso à arte da charge e da ilustração no Brasil.

Possuindo também uma variedade de informações a respeito dos costumes artísticos da época, com desenhos que ilustram temas relacionados à música, fotografia, anúncios publicitários, além de possuir publicações na integra de

partituras geralmente para canto e piano, escritas por compositores menos conhecidos do período, que pela ausência de informações até agora compulsadas, permite aludir que se tratem de diletantes ou profissionais de pouca expressão.

Seguem-se imagens selecionadas da Revista *O Malho* 1902-1903.



Figuras 1 e 2 - *O Malho*, capa da edição de lançamento. Desenho realizado por Crispim do Amaral, na qual se auto retrata portando o malho e uma bigorna apresentando o Semanário Humorístico Artístico e Literário. (*O Malho*, nº 1. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1902) (esq.) e *Homenagem à Música*, realizado por Raúl Pederneiras. Representação de uma mulher tocando uma lira (alusão à antiguidade clássica). Feita em placa de zinco, adota o estilo *Art-nouveau*. (*O Malho*, nº 1. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1902) (dir.)



Figura 3 - *Homenagem à Música*, por Calixto Cordeiro. Representação de um cantor lírico em estilo *art nouveau*. (*O Malho*, nº 2, de 27 de setembro de 1902)



Figura 4 - *L'amour Est Un Enfant de Boheme*. Trecho de *L'amour Est Un Oiseau Rebelle*, ária da ópera *Carmen*, de Georges Bizet, aqui num contexto de representação crítica feita ao então gestor da cidade. Desenho realizado por Raul Pederneiras em estilo *Art Nouveau*. (*O Malho*, nº 3, Rio de Janeiro, 04 de outubro de 1902)



Figura 5 - *Homenagem à Luís Norton Barreto Murat* (1861-1929), Jornalista e poeta, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Desenho de Raul Pederneiras. (*O Malho* nº 7, Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1902).



Figura 6 - Propaganda do estabelecimento comercial da Casa Edison- Loja de Fonógrafos, Zonofones, Gramafones, e outras machinas falantes. (*O Malho*, nº 10, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1902).



Figura 7 - Desenho de Calixto Cordeiro para a coluna *O Theatro*, informativo sobre as atividades culturais realizadas na cidade do Rio de Janeiro. Representação de uma mulher portando um instrumento de sopro (aulos) em alusão a antiguidade clássica. Acima do desenho apresenta a seguinte frase: *Um sonho d'elle*. (*O Malho*. Nº 10. Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1902).



Figura 8 - Desenho realizado por Calixto Cordeiro, para o *schottisch* para piano de Aurelio Cavalcanti intitulado *O malho de Ouro*. (*O Malho*. Nº 2. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1902)



Figura 9 - Homenagem a cantora brasileira Nícia Silva, ex-aluna do Instituto Nacional de Música. Desenho de Raul Pederneiras. (*O Malho*. Nº 11. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1902).



Figura 10 - Desenho realizado por Calixto Cordeiro- *Fagulhas*, Valsa para piano de Americo Costa. (*O Malho*. Edição de Nº12. Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1902)



Figura 11 - Desenho Realizado por Calixto Cordeiro *Violeta- Valsa* de Guiomar Guimaraes. (O MALHO. Edição de N° 16. Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1902).

Bibliografia

GERVEREAU, Laurent. **Ver, Compreender, Analisar as imagens**. Lisboa: Edições 70, 2004.

HEITOR, Luiz. **150 anos de Música no Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1956

LEITE, José Roberto T. **Dicionário Crítico da Pintura no Brasil**. Rio de Janeiro: Artlivre, 1983.

_____. **Pintores Negros do Oitocentos**. Rio de Janeiro: E. Emanuel Araújo e Indústria de freios KNORR/MWM motores, 1988.

PANOFSKY, Erwin. **O Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PÁSCOA, Márcio. **A Vida Musical em Manaus na Época da Borracha (1850-1910)**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas/FUNARTE, 1997.

_____. **Crispim do Amaral**. Série Memória, n° 17, Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, Coleção n°1, 2000.

_____. **Ópera em Belém**. Manaus: Editora Valer, 2009.

SILVEIRA, Rose. **Histórias invisíveis do Theatro da Paz: da construção à primeira reforma**. Belém do Grão-Pará (1869-1890). Belém: Paka- Tatu, 2010.

ZANINI, Walter, org. **História Geral da Arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walther Moreira Sales, Fundação Djalma Guimarães, 1983

Fontes eletrônicas:

Dicionário Cravo da Música Popular Brasileira. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br>

Encicopédia Itaú Cultural. Disponível em: [http://
enciclopedia.itaucultural.org.br/](http://enciclopedia.itaucultural.org.br/)

Fundação Casa Rui Barbosa Disponível em: [http://
www.casaruibarbosa.gov.br/omalho](http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho)